

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2.000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.—Pagamento adiantado.

NUMERO 10.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 25 DE MAIO DE 1873.

O nosso intelligente e prestavel collaborador D. do C., que por modestia mostra apenas as duas iniciais de seu nome, amigo dilecto do finado Antonio Joaquim de Azevedo, acaba de remetter-nos para ser publicada uma bonita poesia—A MEMORIA DE ANTONIO JOAQUIM DE AZEVEDO—, que se acha inserida na secção competente.

Recommendando-a aos leitores, louvamos os sentimentos do joven poeta, cuja saulade pungente é primorosamente manifestada em cada verso, em cada phrase de sua bella poesia.

Contos impossiveis.

I

MYSTERIOS DO ALPENDRE.

Fazia um luar magnifico: acabara de soar a nota aguda da duodecima badalada da meia noite.

Era tudo silencio. Interrompia-o apenas, de quando em quando, o *co-co-ro-co* de um galo, o pizar longinquo na calçada e o *zum-zum* da ventania na praça dos Remedios.

Era lá que estava eu.

Recostado em um banco de azulejo, ora fazendo com a bengala *ss* no chão, ora contando as estrellinhas, ou fumando um charuto, pensava no passado, no presente e

no futuro, cogitando sobre a minha vida, sobre os meus amores, etc., quando meus olhos, ja atormentados pelo sono, descobriram um monte de terra e pedras—revolvidas—no lugar em que outrora se erguia desassombrado o Alpendre, *aos annos tão propicio*.

Horrorizado, quiz levantar-me, para de perto contemplar os vestigios do que alguma coisa tinha de mythologico, senão no molde, ao menos nas funcções; não pude; eu estava ebrio de sono.

Lamentei acerbamente o desditoso; como Mario as de Calhargo, eu contemplava, mas de olhos semi-abertos, essas ruinas.

Do coração sahir-me a nénia mais sentimental; os olhos, donde fugio-me uma lagrima, para logo se embaciaram: recostei a fronte seismadora no recosto do banco—toda mais vi senão cousas sobrenaturaes, impossiveis!

Phantasmas! espectros!

Mas não eram espectros amortaliados e lividos, não eram phantasmas descommunes e pavorosos, não! Eram pedras, que vinham, rotando, chorar a meus pés! Eram columnas derribadas que tentavam erguer-se nos partidos pedestaes! Era o demolido tecto que tentava locar-se!

Era o desditoso Alpendre, que, em vão, empregava incommensuraveis esforços por levantar-se nos demolidos alicerces.

Ainda me sôa aos ouvidos a vóz de uma pedra, que dizia:

dentamente de lhe conceder a mesma felicidade, depois de lhe ter feito experimentar a mesma anciedade, o mesmo desespero.

Sua supplica foi attendida: a febre de Natal por fim cedeu, e quando a terrivel venda foi levantada ella não estava mais cego.

O Irmão e a Irmã atiraram-se nos braços um do outro, confundindo sua alegria, suas lagrimas, e seus agradecimentos.

Natal não estava mais cego; porem a sua vista nunca voltou ao que d'antes tinha sido. Enfretando, como através dos seus olhos menos encobertos, elle tornava ver sua irmã, que não o permittia fittigar-se; podendo ainda escrever um pouco; tendo mais necessidade de ajuda para sair á rua; podendo porem andar sem guiação, pedindo lhe de perdoar os seus queixumes.

—Falta de resignação! queixar-se quando tem-

—Eis a nossa recompensa! Ingratos! Os obreiros que nos edificaram, os jornaes que fallaram da nossa construcção, todos que viram erguermo-nos neste pequeno quadro de terreno, disseram:

—Sua senhor: bem lembrado: é para de dentro trocarem-se, medidas no tempo da festa da Virgem dos Remedios. Disto precisavamos nós, osromeiros.

—E no entanto, continuava a lamentosa pedra, só de anno a anno é que o Sr. João das Moedas ou o Sr. Soares appareciam por cá, a trocarem as falladas medidas; ao passo que todas as noites, todas, em nós trocavam-se não medidas da Virgem, porem osculos das *virgens*, dessas que, a semelhança das actrizes dissolutas, faziam do alpendre bastidores de theatro, onde se mostrão taes quaes são, cobrindo-se, ao sair ao palco, da mascara da dignidade, que apparentam ás platéas.

—Apoiado!—respondeu um côro de terra, pedras, cacos, barro, columnas, telhas, ripas, cantarias, e outros materiaes.

—Inda me recordo... disse uma telha.

—De que?... pergunta uma ripa.

—Inda me recordo como si hontem fosse.

Fez-se um silencio profundo em torno da relectora.

—Havia um baile; não posso saber onde elle era; porem as notas da orches-

se: um arjo ao lado, pensava elle muitas vezes, é quasi uma blasphemia!

Uma grande felicidade obteve Natal.

Uma grande felicidade? Sim! Sem ser ambicioso, um nobre coração podia bater alegremente com uma recompensa merecedora.

Sem nunca galgar-se, Natal tinha terminado, durante vinte e cinco annos, uma tarefa, modesta ao principio, depois mais louvada. Si suas poesias das quaes era um pouco orgulhoso, nada valeram, seus trabalhos no ministerio, eram de muito valor.

Um dia enviaram-lhe a maisa joia com que se pôde ornar um homem.

Foi Germana quem recebeu o mensageiro e o cofresinho, e quem chorando de prazer, suspendeu por um momento a cruz, depois a fita encarnada, para a aboluadura de Natal.

—Como vou ficar orgulhosa de ti! que felici-

FOLHETIM DO DOMINGO.

O Irmão e a Irmã.

NOVELLA.

(E. Deizure).

Tradução de A. Britto.

VI

(Continuação do n. 18.)

O milagre predito por Germana não realizou-se senão por metade: a operação não teve o fim inteiramente desejado; a pobre moça guardou no coração o segredo de suas angustias, durante os oito dias em que a vida de Natal foi ameaçada. Compreendeu o quanto elle teria soffrido outrora, quando ella estivera perto de morrer, e achando em seu pensamento a lembrança de sua alegria delirante quando elle a via salva, pediu á Deus ar-

tra viam morrer aos meus ouvidos... Vós dormiis profundamente e eu só, do telhado, unica entre as minhas companheiras, velava. Ouvi que vos pisavam, cantavas. Um riso arrebolou-me e deixou-me ver finalmente o que se passava.

—«Não ha tempo a perder, minha senhora, dizia um sujeito a uma bella dama, que o acompanhava. Podem dar pela falta de V. Exc.»

Uma pedra de cantaria.

Já sei quem era...

A telha.

Não me trates por *excellencia*, meu amigo. Chama-me teu sujei ou tua escrava.

Uma ripa.

Ahna...

A telha.

Basta que nos salões a hypocrisia provoque semelhante tractamento. Mas aqui...

Um fragmento de columna.

O resto é sabido...

Uma grade.

Ora, Sra. telha, pôde limpar as mãos á parede com o seu conto. O que acabou de contar para nós é uma scena que todos os dias se reproduz á nossas olhos. Apesar de eu fazer parte do Alpendre ha pouco tempo, ter sido collaborada muito depois de todos vós, estou muito mais a par das comédias que por cá se representaram.

A pedra.

Ora! si assim não fosse tambem! Depois que alli te collocaram, as damas e cavalheiros que em amoroso colloquio se entregavam sobre mim e sobre vós, cantaria...

Os bancos quebrados.

Alto lá! E nós?

A pedra.

Pois sim...

Os ditos bancos.

A Cesar o que é de Cesar.

A pedra.

Não lhes inveje o mistér. Os amantes, dizia eu, que aqui vinham, tinham de saltar-vos por cima, ó grades; porisso que não admirava que despertasseis sempre e não admira que estejais mais ao facto que todos nós.

Os materiais.

Tem razão.

—Então a grade levantou a voz e fez narrações mais mysteriosas que as de Ponson du Terrail.

Eu não vos posso contar, leitores, o que disse a grade: carregar-me-hia essa indiscreção uma responsabilidade moral, da qual poderiam resultar-me serias inconveniências.

Somente aconselho que, quando, sob o pretexto de *medidas*, ou *leilões*, ou outro qualque, quizerem construir uma outra gruta de amores, procurem pedras menos levianas, telhas mais sensatas, grades menos indiscretas, emfim—materiaes menos *barbadas*.

Inda não vos disse o principal: eu havia adormecido sobre o banco da praia, no clarão da lua: todo isto não passava de um sonho. Ora, um sonho é uma mentira; todavia um ditado sustenta que não ha mentira sem fundamento.

Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset.)

(Vinc. 18)

VII

Camilla nada comprehendia d'aquelles desenhos, que apenas distinguia, nem d'aquelles signaes, que não entendia; porém havia notado ao primeiro golpe de vista que o mancebo não movia os labios;—quasi a saltir, ella deteve-se. Via que elle

fallava uma linguagem que não era a de todos e que achava meio de se exprimir sem esse fatal movimento da palavra, para ella incomprehensivel e que lhe torturava o pensamento. Qualque que fosse esse estranho dialecto, uma surpresa estranha, um desejo invencivel de investigar-o a fizeram retomar o lugar, que deixára; ella encostou-se á balaustrada do camarote e observou adiantamente o que fazia o desconhecido. Vendo-o de novo escrever sobre a lousa o passava ao companheiro, ella fez um involuntario movimento, como que para agarrala na passagem. A este movimento, o mancebo voltou-se e, a seu turno, viu Camilla. Apenas se encontráram seus olhos, e ambos ficaram immoveis e indocis, como se procurassem reconhecer-se: depois de um instante, disserão-se a'um olhar: Ambos nós somos mudos.

O tio Girard tendo tomado a bengala e o chapéo, trazia á sobrinha o mantetele; mas ella recusou ir e continuou encostada á balaustrada.

O abbade de l'Épée começava então a ser conhecido.

Visitante á uma senhora, na rua des Fossés-Saint-Victor, tocado de compaixão por dons surdos-mudos que via, por acaso, trabalharem a agulha, a caridade que lhe enchia a alma, despertando subitamente poz-se a operar prodigios.

Na pantomima infirme d'aquelles antes miseraveis e desprazados, elle encontrava o germen de uma lingua fecunda, que acreditava poder tornar-se universal e, em todo o caso, mais verdadeira que a de Leibnitz. Como a maior parte dos homens de genio, elle ultrapassava talvez o seu intento, reconhecendo-o tão grandioso; porem já era muito poder calcular seu alcance. Qualque que fosse a ambição de sua bondade, elle ensinava os surdos-mudos a ler e a escrever;—restituia-

Seguem, sem apprehensões, sem desgostos.

O fim, não é o funulo, aonde elles querem dormir. O fim, é a nova existencia fora d'este mundo. Elles acreditam e esperam.

E fazem bem em esperar. Quando atravessa-se a vida sem ter-se nunca cedido ao atractivo do mal, quando as paixões não tem alcançado victoria d'alma; quando tem-se vencido o demónio; quando se é ajudado pela mão Toda-Poderosa; quando o amor proprio desaparece ante um outro amor; finalmente, quando unicamente ignora-se—o bem que tem-se podido fazer:

Eis o heroismo occulto, diante da qual todos os outros amorteceem um dia. Essas glorias mundanas, exaltadas, encensadas por tantas vozes humanas, não são recompensadas lá em cima, como esta vida tão humilde, que os anjos cantão.

FIM.

dade o ser o meu braço necessario ao teu! Eis ali uma cruz que não esperavamos! mas, pelo que, é preciso dar-mos muitos agradecimentos á Deus. Que linda joia, Natal! Mesmo para uma mulher, que diamantes podem valer a distincção merecida por aquelle á quem ella tanto presta...

Si Natal ficou orgulhoso, foi por Gertruda: si andou pela rua endireitando-se com um pouco mais de altivez, é que ella dava-lhe o braço e o felicitava com tanta graça.

VII

Passaram-se os annos. Hoje Natal tem rugas e cabellos brancos; porem o tempo tem melhor respeito a terra physionomia de Gertruda.

Ella tem mais de quarenta annos, e parece apenas ter trinta. É que as paixões nunca estragaram o

semblante encantador; a febre do orgulho não o tem desceado; a colera não tem franzido a fronte; a avariza e a inveja não tem cavado as faces.

O placido olhar só bem mostra a pureza d'alma. Sempre bom, sempre terno e compassivo, sente os infortunios alheios, e exulta-se de prazer por todas as felicidades. Não maldiz mais o mundo; e cousa rara! elle o admira. Seria difficil de accusar de egoismo estes dous seres—um sempre prompto a prestar serviço, não recia diante de cousa alguma; outro, acolhe e consola com tanta bondade, que aquelles que choram, têm menos lagrimas nos olhos, mais esperanza no coração, deixando-o.

E sempre arrimados um ao outro, sorrindo-se, partilhando as mesmas emoções, trocando nas idéas da idade madura como tem mudado as idéas da mocidade, o irmão e a irmã continuam sua marcha na vida.

lhes os filhos de homens. Só e sem ajuda, por suas próprias forças, ella emprehendera uma familia e preparava-se para sacrificar á este projecto sua vida e sua fortuna, na esperança de que o rei lançaria suas vistas sobre elles.

O mancebo sentado visinho ao camarote de Camilla, era um dos discipulos do abade. Nascido fidalgo de uma antiga casa, dotado de viva intelligencia, porém ferido de *avie-morte*, como então dizão, foi um dos primeiros á receber pouco mais ou menos a mesma educação que o pretense conde de Solar, com a differença de que elle era rico e não corria risco de morrer á fome, na falta de uma pensão do duque de Penthièvre. Independente das lições do abade, derão-lhe um preceptor, que, sendo uma pessoa leiga, podia acompanhá-lo á toda a parte, encartado, bem entendido, de vigiar seus pensamentos;—era o que fia a louza. O mancebo se aproveitava, com grande cuidado e muita applicação, destes estudos diários que exercitavão-lhe o espirito, sobre tudo, na leitura como no manejo, na opera como na missa; entretanto um pouco de natural vivez e uma independencia de character muito pronunciada lutavão n'ello contra essa penosa applicação. Não se calculam os males que lhe sobrevirão si elle nascesse entre uma classe inferior ou somente, como Camilla, em outro lugar a não ser Paris. Uma das primeiras cousas que lhe ensinavão, assim que começou a soletrar, foi o nome de seu pae, o marquez de Maubray. Elle sabia pois que era á um tempo differente dos mais homens pelo privilegio de nascimento e por uma desgraça da natureza. O orgulho e a humilhação se disputavão assim uma nobre alma, que por felicidade, quizá por necessidade, se conservava simples.

Este marquez surdo-mudo, observando e comprehendendo os outros, tão arrogante como elles e que, ao lado de seu aio, tambem havia crusado sobre saltos encarnados os parques de Versailles, segundo o uso, era examinado pelo binoculo de mais de uma mulhor bonita, mas seus olhos não deixavão Camilla; de seu lado ella o via perfeitamente, embora não o mostrasse.

Acabada a opera, ella tomou o braço de seu tio e sahio pensativa.

(Continúa.)

A. Gabriel

CARTA X.

QUERIDA FRANCISCA.

Estou de posse da tua estimavel cartinha: não imaginas o que senti cá por den-

tro ao lê-la, minha boa mulhersinha. Imagino a que ponto chega a tua saudade: um marido não é cousa que se substitua assim só, e eu muito estimarei viver muitos annos ainda, pois tenho cá para mim que não encontras uma almasinha tão bem formada como a minha.

Acredita que eu te tenho sido fiel na extensão da palavra, apesar das tentações, que por cá são muitas.

O nosso Chiquinho, conforme o teu pedido, fica n'um collegio de meninas; me disse a professora que o pequeno é atilado e dá esperanças para o futuro.

Não tenho faltado ao mez de Maria, pedindo sempre á Nossa Senhora por ti, por nossos filhos e por nosso gado, com os seiscentos.

Mando-te pelo mestre da canoa uma thesoura boa, que é o melhor remédio para curar o pello da minha cachorrinha felpuda.

Á fallar em thesouras, olha que nesta terra, queidinha, falla-se muito da vida affeia. Só tu vendo, O teu Francisco não tem escapado cá á certa porta de botica. E' sempre nas portas de botica que se reúnem os *melros*, como na porta da quitanda do Manoel, compadre de D. Florinda. Como as boticas servem para curar a gente, não admira tambem que sirvam para matar-lhe as reputações, com os brezentos.

Enfim declaro-te que já estou aborrecido da cidade e, em acabando o inverno, lá estou e mais o compadre Estanislaú, que tanto alazanou, que, assim como assim, parece que se casa. Acredita que mulher não se casa com carrapato, porque... tu sabes porque, anda lá, que bem me custou levar-te á presença do Sr. vigário.

Recebi o cofo de carne marca meu nome.

Dá um beijo em nossa vacca, não, dá um beijo em nossa filha e cuida na vacca mimosa, que é tambem um dos meus cuidados.

Adens, Chiquinha, olhe os visinhos...

Teu do coração

Francisco.

ANGUSTIOSA.

XI

Um dia junto ao piano,
tu cantavas e eu ouvia:
como languida tremia
tua doce voz de soprano.

Cantavas berna, inspirada,
uma linda *barcarola*,
Ai meu Deus! como consola
a voz da mulher amada!

E a tua então flor de cora,
que inflexão branda que tinha:
não sei d'outra, amada minha,
que seja mais felizicera.

Macia como um velludo,
como um petalo de rosa
era tua voz perfumosa:
inda a usculo, e não me illado.

As vezes n'uma *valata*,
fazias a voz tremar,
que eu juljava um rozeiro
de aljôres; que se desata

No meio da emfilena
havia a palavra—amôr—,
e, ao dizel-a minha flor,
tu me fístes serena.

A vibrigão de tua voz,
puro e pouco esmorecendo,
como a ave que cabe morrendo,
se extinguiu, findou... depois

a tua mão, da minha escrava,
de todo o piano esqueceu,
do quanto então senti em
não te disse uma palavra.

Nossas almas silenciosas
ocupavam, n'aquelle instante,
sobre essa theme brilhante,
variações caprichosas.

Ficou em meio a canção,
mas a letra que fallava
nosso amor mudo a cambava
com as vozes do coração.

XII

Eu lia, absorto e mudo
foi isto de uma outra vez,
o *—dalgão da Lagrima—*
do poeta portuguez.

Nisto uma sombra ligeira
sobre o livro se estampou:
assim, voando, a avesinha
no lago a forma deixou.

Voltei-me presto, o teu rosto
stava bem junto do meu;
e las aquelle mimio
que não de artista escrevea.

Eu sentia o brando sopro
de tua sã respiração
envolver-me n'um affago,
n'uma caricia de irmão.

Des teus cabellos brilhantes
a opulencia revoltosa
escalava d'entro os fios
o cheiro da tuberosa.

Vergado o corpo, o teu colo
stava rente ao meu hombro,
e deslumbra-me os olhos
esse escultural assombro.

Finda a leitura, gemeste:
—ai! por este livro, diga,
deixa-me só, me abandona...
eu que sou tão sua amiga?

E um véo de doce tristeza,
se espalhou sob tua face.

como o lençol de neblina
que escode o sol quando nasce.

—Porem, repara, Maria...
deixa de parte o ciúme!
isto é tão lindo...mas, queres?
eu vou fechar o volume.

—Acha os versos tão bonitos?
acha bonita a poesia?
gosta do pranto? pois veja...
é para dar-lhe alegria.

E uma lagrima indolente
rolou-te sobre a epiderme,
deixando o sulco, que deixa
na terra a rojar-se o verme.

1872.

Ceila de Magalhães.

A memória de Antonio Joaquim d'Azevedo.

Tu que sorris contemplando a vórtice
—mixto de enganos e paixões e odios—
a que chamamos mundo,
e que encaravas sobranceiro, impassível,
as mil luctuózas dos grandes da época,
com desdenhar profundo;

tu, que nutrias pela querida patria
amor de filho, de svairado, indómito,
amor dos mais laes,
do que nos deste testemunho authentico
no sacro lígo dos teus patrios canticos
soberbos, immortaes;

tu, que da instrução te proclamaste apóstolo,
e sempre foste coripeo intrepido
com louvavel fervor,
achando n'ella salutar o balsamo
as tuas magoas e desgostos intimos,
à tua immensa dôr;

tu, que não eras d'esses vis hypocritas,
mas que sagravas um amor fortissimo
do mundo ao Creator;
tu, que a amizade nunca achaste incommoda
e a espalhavas com perfeito estrupulo,
sem ostentar valor...

deixaste de existir!... Tu alma cradida,
liberta enfim do material envólcero,
vouo p'r'o pé de Deos;
e assim cessaste de soffrer angustias
que te infligiam—inocente victima—
talvez... quem sabe?— os teus.

E pois que dormes sosegado e placido
sem rondano rumor o somno ultimo
enfim na eternidade,
deixa que em phrase dolorida e fúnebre
venha prestar-te o meu sincero e humilissimo

TRIBUTO DE AMIZADE.

Maranhão, 22 de maio de 1873.

D. do C.

CHRONICA.

No cyclo das aberrações cosmogenicas,
cogita-se o que quer que seja de extraor-
dinario? Não é porque nos meandros da

idéa nova, a versatilidade dos incas anle
em contraposição historica com as subli-
lezas dos hecliphagos maníferos, não;
mas porque rareadas como andam as filas
dos mastodonticos, é muito de presuppor
que no ovario do sycophantismo moderno
não esteja de todo apagado o pensamen-
to de inconsulto da vitalidade dos guelphos!
E porque?... me perguntará o publico
—admirado talvez do eu querer arrogar
a mim os fóros da pitoniza grega... Por-
que?... «Oh que não sei do nojo como
o conte», não me obrigue o leitor curioso
a responder-lhe; lembre-se que commette-
ria as mais graves inconveniencias si tal
fizesse, e lembre-se tambem que é hom-
mem, e como tal sujeito ao erro e às
verissitudes da sorte!

Contudo, eu ainda assim me abalanga-
ria a responder-lhe evasivamente si depo-
sitasse mais confiança no inceptato engor-
dino do meu cogitar cabalístico; mas en-
carada a questão por outro prisma menos
reflexivo, tal resolução seria indecorosa por
que iria pôr em duvida a perspicacia dos
demais leitores.

Concentro-me, pois, na evolução do rumo
meu para me impossibilitar de pôr mais
palpitante o facto de que se trata e do qual
leitor curioso está tendo pleno conheci-
mento.

Volviendo deste triclino, entrego as co-
ruscancias desta combranica estrada aos
dedicados proselytos da idéa abstrusa.

Agora de telhas abaixo:

Corre como certo que existe entre nós
uma molestia denominada *beri-beri*, e tam-
bem corre como exacto que acaba de ser
descoberto o remedio para debel-a no
curto espaço de 3 dias, segundo afirma
seu autor, com grande escandalo dos me-
dicos da capital, por partir a miraculosa
descoberta d'um profano da sciencia de
Galeno e de Esculapio.

Sobre o resultado obtido pela salvado-
ra panecéa é que não correu ainda ver-
sões, nem mesmo boatos, mas para esse
effeito consta que ja foram postos á dis-
posição do illustre Cagliostro alguns pres-
sos dos mais atacados que vão ser sub-
mettidos ás experiencias!

Pobres desgraçados! porque não pre-
feris o patibulo a vos collocarem nas can-
dições de cães? Por ventura o juiz que
communou vossa pena, condemnou-vos
tambem a servirdes de victima para qual-
quer experiencia chimica de qualquer chi-
mico Sr.?

Passarei a novo assumpto para evitar
mais reflexões e mesmo para entreter o
leitor com noticias d'outro genero.

O nesso jardim das plantas está quasi
desplantado com a derruba que n'ello li-
zeram que foi por demais cruel e exage-
rada. Graças, porém, ao commandante Aze-
vedo, o largo do João do Valle não é
mais um matagal com era d'antes, e, gra-
ças ao presidente da provincia, a musica
dos grilos e cigarras já ali não faz praga
como fazia, pois que a banda do 5.º Regi-
mento de venciada toda aquella malta bra-
va por meio de notas afinadas e por afin-
nar.

—Por um artigo mandado publicar no
Paiz pelo Sr. Carlos Scitil, vi que esse
Sr. accudiu ao appello que d'aqui lhe fi-
zeram quando no Pará abjurou á magonaria.
Falta-me espaço e tempo para apreciar
a sua argumentação; mas a conclusão
logica a tirar do tudo quanto escrevem em
sua defesa, é que era melhor ter-se cati-
do para ficar menos compromettido. Res-
ferindo-se aos beneficios recebidos, confir-
ma-os a todos de uma maneira até visi-
vel e que prova bem o embaraço de man-
dar negal-os. E sobre a tal *quadra tepe-
brasa* diz tanta levianidade, que faz pen-
sar. Na verdade suppunha que o Sr. Scitil
tivesse mais um bocadinho de senso.

*Pedem-nos que peçamos providencias a
quem de direito for, sobre:*

1.º—O desrespeito em São Paulo de ma-
ritos que se esquecem do preceito de Moy-
zès: *Quam terribilis locus asti!*

2.º—Um pardieiro da rua do Pesponto
que está cabe não cabe, á despeito das
posturas da Municipalidade.

3.º—Os estabelecimentos abertos aos
domingos e dias santos, e os estabeleci-
mentos fechados aos dias santos e domín-
gos. Uns são filhos e outros filhadas?

—Não sei si por falta de comprehensão
de minha parte, não sei si por culpa da redac-
ção, não entendi o que quer dizer na sua
o noticiaria da gazeta coll. ad com o seu
artigo—*A imparcialidade do jornalista*,
impresso no numero ante-passado. Está
palpavel n'essa indirecta a quem quer que
seja, lá isso está; porém o apresentar-se
tão cobardemente não está de certo na
altura de quem quer aparentar tanta dig-
nidade. Na qualidade de escriptor publico,
embora em miniatura, escaando embora
os mal seguros passos na arena, cumpre-
nos pedir explicações ao noticiaria do
Publisher.

Nunca constou a ninguem que os mais
importantes órgãos da imprensa maranhense
se tenham vendido a esta ou aquella
questão; infelizmente foi necessario que
um ferrador tomasse a redacção de um
jornal para dizer semelhante parvoice.

E' muito lexiano o Sr. noticiaria do
Publisher: o outro dia, fallando de An-
tonio Joaquim de Azevedo, desse excel-
lente meço a quem, tão cedo, extinguiu-se
a luz da existencia, *espichou-se* redonda-
mente, emprestando-lhe defeitos que não
tinha, desrespeitando-lhe a memoria e
adulterando a lei do *Parce tumulus*.

Eloy, o heróe.